

M O

© Luís mouro 2022

L I L Y

S W E E

N E Y

—————

BRIAN FRIEL

tradução PAULO EDUARDO CARVALHO encenação NUNO CARINHAS
cenografia e figurinos LUÍS MOURO sonoplastia HÂMBAR de SOUSA
desenho de luz FERNANDO SENA interpretação JOÃO MELO, SUSANA
GOUVEIA e TIAGO MOREIRA

MAIORES DE 12 ANOS

MOLLY SWEENEY

de BRIAN FRIEL

Tradução: Paulo Eduardo Carvalho

Encenação: Nuno Carinhas

Assistência de encenação: Sílvia Morais

Cenografia e figurinos: Luís Mouro

Sonoplastia: Hâmbar de Sousa

Desenho de luz: Fernando Sena

Interpretação: João Melo, Susana Gouveia e Tiago Moreira

Confeção de Pano de Terra: Rafaela Graça e Susana Gouveia

Pintura de Pano de Terra: Luís Mouro

Carpintaria: Ivo Cunha

Costureira: Sofia Craveiro

Direção de Produção e Comunicação: Celina Gonçalves

Assistência de produção e comunicação: Patrícia Morais

Vídeo promocional e fotografias: Ovelha Eléctrica

Agradecimentos: D^a Marília Carvalho, Rute Machado



duração: 120 minutos | classificação etária: maiores 12 anos

112ª PRODUÇÃO DO TEATRO DAS BEIRAS
estreia em 7 de dezembro de 2022, no Auditório do Teatro das Beiras

Para o Fernando Landeira,
que nos foi iluminando na construção deste espectáculo
que lhe dedicamos.

Depois de *Uma História na Cama* (1997) de Sean O'Casey e *Oeste Solitário* (2006) de Martin McDonagh, o Teatro das Beiras regressa à dramaturgia irlandesa com *Molly Sweeney*, de Brian Friel.

Friel (1929 – 2015) expande a sua obra por mais de 3 dezenas de peças, tendo merecido especial atenção e divulgação na última década do século XX. Cofundador, com o ator Stephen Rea, da Field Day Theatre Company, tem sido traduzido e encenado em Portugal desde os anos 70 do século XX, com títulos como *Amantes e Triunfantes* (1970/71), *Pais e Filhos* (1991), *Traduções* (1996), *Danças a um deus pagão* (1996), *Molly Sweeney* (1999), *O Fantástico Francis Hardy, curandeiro* (2000) e *Terapia das Almas* (2019), que o situam na linhagem de Yeats e de Synge, universalizando as especificidades irlandesas, convocando à reflexão induzida pela emoção e imaginação sustentadas na valorização da palavra, muito embora “as palavras não sejam dotadas de plenos poderes até um actor as libertar e as preencher”.

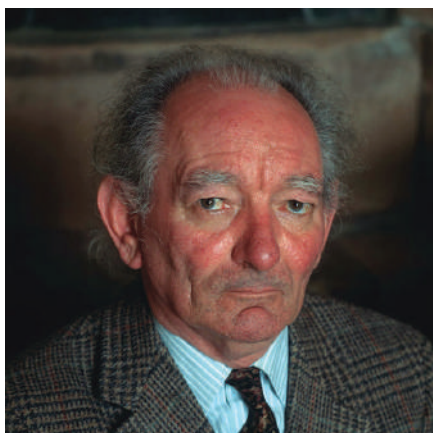
A estreia de *Molly Sweeney* em 1994 no Gate Theatre ficou marcada por ser a primeira encenação de Brian Friel, experiência que voltaria a repetir em 1997 com *Give me your answer*.

O espetáculo teve na altura uma receção dividida entre o louvor e o ceticismo. A peça chega ao público português em 1999 através do Ensemble – Sociedade de Actores, com encenação de Nuno Carinhas.

O texto estrutura-se a partir da alternância das narrativas de três personagens sem interação umas com as outras – Molly, uma mulher independente e capaz, cega desde a infância, submetese a uma cirurgia para tentar restaurar a visão; Frank, o entusiasta e inquieto marido que faz da cegueira da esposa a sua última causa; e Dr. Rice, outrora um famoso cirurgião, agora um alcoólico caído em desgraça que tenta restaurar a visão de Molly, numa tentativa de recompor a sua reputação.

Parte da construção dramática do texto é inspirada no estudo “Ver e Não Ver” de Oliver Sacks, mais especificamente em Virgil, um homem cego desde a infância cuja visão fora recuperada em adulto e, assim como Molly, após a operação, vê o seu mundo percetivo desmoronar e não se consegue ajustar ao novo mundo visual. A sua experiência é descrita como um “milagre abortado”.

No final, Molly diz: “vivo agora num país de fronteiras” onde as percepções deixaram de ser fidedignas, e a loucura e a realidade se fundem no mesmo caos.



© Hugo Glendinning - Camera Press/Redux

Brian Friel

[1929-2015]

Bernard Patrick Friel nasceu em Omagh a 9 de janeiro de 1929.

Trabalhou como professor do ensino primário e preparatório em Derry, entre 1950-60.

Durante esse período começou a escrever contos que publicou sobretudo na *New Yorker Magazine*. 1958 foi o ano da emissão das suas primeiras peças radiofónicas produzidas pela BBC Belfast. Tornou-se escritor a tempo inteiro a partir de 1960. Em 1962, no mesmo ano em que estreou a sua primeira peça produzida pelo Abbey Theatre, então no Queen's Theatre, publicou a sua primeira colecção de contos, *The Saucer of Larks*, a que se seguiram, *The Gold in the Sea*, em 1966 e outras reedições e colectâneas, a última das quais *Selected Stories* em 1994. Escreveu em 1970 o argumento para adaptação cinematográfica de *Philadelphia, Here I Come!* Em 1972 tornou-se membro da Academia de Letras Irlandesa. Em 1980, fundou com Stephen Rea a Field Day Theatre Company. Em 1987 foi membro de Senado Irlandês. Em 1989 a BBC RADIO dedicou-lhe uma temporada de seis peças, a primeira vez que tal honra foi atribuída a um dramaturgo vivo. Em 1991, *Dancing at Lughnasa* (*Danças a um Deus Pagão*) conquistou em Nova Iorque o Tony para melhor peça do ano. Em 1994 assinou o seu primeiro trabalho como encenador de *Molly Sweeney*, experiência que voltou a repetir em 1997 com *Give Me Your Answer, Do*. Em 1998 foi lançada a versão cinematográfica de *Dancing at Lughnasa*, com argumento de Frank McGuinness e realização de Pat O'Connor. Em Fevereiro de 1999 recebeu o Lifetime Achievement Award atribuído pelo Irish Times. Nesse mesmo ano, por ocasião do seu septuagésimo aniversário, foi organizado um Friel Festival entre Abril e Agosto, que contou com novas produções de algumas das suas peças, uma exposição e diversos encontros e seminários em torno da sua obra.



© Lusa

Nuno Carinhas

Pintor, cenógrafo, figurinista e encenador. Foi diretor artístico do Teatro Nacional São João (TNSJ) entre março de 2009 e dezembro de 2018. Como encenador, destaca-se o trabalho realizado com o TNSJ e com estruturas e companhias como Cão Solteiro, ASSÉDIO, Ensemble–Sociedade de Actores, Escola de Mulheres e Novo Grupo/Teatro Aberto. Como cenógrafo e figurinista, trabalhou com os encenadores Ricardo Pais, Fernanda Lapa, João Lourenço, Fernanda Alves, Jorge Listopad, João Reis e Nuno M. Cardoso, os coreógrafos Paula Massano, Vasco Wellenkamp, Olga Roriz e Paulo Ribeiro, e o realizador Joaquim Leitão, entre outros. Em 2000, realizou a curta-metragem *Retrato em Fuga* (Menção Especial do Júri do Buenos Aires Festival Internacional de Cine Independiente, 2001). Escreveu *Uma Casa Contra o Mundo*, texto encenado por João Paulo Costa (Ensemble, 2001).

Dos espetáculos encenados para o TNSJ, refiram-se os seguintes: *O Grande Teatro do Mundo*, de Calderón de la Barca (1996); *A Ilusão Cômica*, de Corneille (1999); *O Tio Vânia*, de Tchékhov (2005); *Todos os Que Falam*, quatro dramáticos de Samuel Beckett (2006); *Breve Sumário da História de Deus*, de Gil Vicente (2009); *Antígona*, de Sófocles (2010); *Exatamente Antunes*, de Jacinto Lucas Pires, a partir de Almada Negreiros, coencenado por Cristina Carvalho (2011); *Alma*, de Gil Vicente (2012); *Casas Pardas*, de Maria Velho da Costa, com dramaturgia de Luísa Costa Gomes (2012); *Ah, os dias felizes*, de Samuel Beckett (2013); *O Fim das Possibilidades*, de Jean-Pierre Sarrazac, coencenado por Fernando Mora Ramos (2015); *Os Últimos Dias da Humanidade*, de Karl Kraus, coencenado por Nuno M. Cardoso (2016); *Fã, um musical dos Clã*; *Macbeth* (2017) e *Otelo* (2018), de William Shakespeare e *Uma Noite no Futuro*, a partir de textos de Samuel Beckett e Gil Vicente (2018). A convite da Casa da Música, encenou *Quartett*, ópera de Luca Francesconi, adaptação do texto de Heiner Müller (2013), e *A Viagem de Inverno*, reinterpretção de Hans Zender do ciclo de canções de Schubert (2016).

Encenou ainda textos de autores como Federico García Lorca, Brian Friel, Tom Murphy, Frank McGuinness, Wallace Shawn, Jean Cocteau, Luigi Pirandello, António José da Silva, Luísa Costa Gomes, entre outros.



Teatro das Beiras

Travessa da Trapa, nº 2, 6200-216 Covilhã | tel.: 275 336 163
www.teatrodasbeiras.pt | facebook.com/teatrodasbeiras | instagram.com/teatrodasbeiras